

A VIVÊNCIA DE MÃES COM FILHOS HOSPITALIZADOS EM UMA UTI NEONATAL ATRAVÉS DO OLHAR PSICANALÍTICO

Bianca Stefani Martins Aliski (PIC/Uem), Aline Sanches (Orientadora), e-mail:psicoaline@yahoo.com.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes/Maringá, PR.

Psicologia/ Psicologia do desenvolvimento humano

Palavras-chave: relação mãe-bebê, narcisismo, luto

Resumo: Esta pesquisa aborda os processos psicológicos particulares de mães com filhos na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal e possui como objetivo compreender as experiências emocionais afetivas dessa situação, segundo a teoria psicanalítica. Iniciaremos com uma apresentação de aspectos históricos e psicológicos relacionados ao tema, seguindo com a exposição do conceito de narcisismo e luto. Para observarmos esses aportes teóricos na realidade, realizamos entrevistas semi-estruturadas com mães em um hospital de Maringá. Concluímos que o narcisismo e o luto do bebê imaginado são etapas fundamentais para a compreensão dos processos psicológicos envolvidos no objeto de estudo, mas não suficientes. Assim, pode-se pensar em um bebê já imaginado doente, que se concretiza no real com a hospitalização. Ademais, faz-se considerações sobre as fantasias em torno do corpo de uma mãe enferma, que gera um filho doente e possui seu vínculo afetado por essa questão.

Introdução

Para discorrer sobre a maternidade, vê-se que o lugar que essa mãe ocupa na atualidade é influenciado, além das questões sociais por questões particulares tais como a relação que teve com sua própria mãe na infância e pela posição que ocupa dentro da família (GIANLUPI, 2003). Por esse motivo, percebe-se a necessidade de reconstruir a história dessa mãe, trazendo à tona aspectos narcísicos daquilo que se foi e daquilo que se gostaria de ser. Assim, abordaremos nesta pesquisa o conceito de narcisismo, já que "a possibilidade de tornar-se mãe encontra esboço na infância da mulher" (GIANLUPI, 2003, p. 9). A gravidez é um período de muitas mudanças tanto na estrutura psíquica quanto biológica da mulher (ANDRADE, 2015), assim, os dois sujeitos que antes eram homem e mulher passam agora a ser pai e mãe. Durante a gravidez, o casal planeja a parentalidade delineando a imagem de um bebê, imagem esta que vem das identificações, expectativas e frustrações desses pais (ANDRADE, 2015). Desse modo, percebe-se que os pais fantasiam seus filhos e projetam no bebê seus sonhos, ideias e faltas por meio de suas próprias experiências, retomando seu narcisismo infantil. Assim, a mãe fantasia o seu futuro

bebê, "o bebê imaginado é construído a partir do próprio narcisismo, corporificando as fantasias e as expectativas em relação ao futuro bebê" (GIANLUPI, 2003, p. 10). Quando esse bebê nasce, as fantasias em relação a ele são confirmadas, precisam ser abandonadas ou transformadas. Esse processo é importante para que os pais consigam re-elaborar psiquicamente o filho em suas condições reais, podendo, dessa forma, investir libidinalmente e afetivamente nesse bebê concreto. Quando esse bebê, que foi imaginado e fantasiado pelos pais, nasce prematuramente e necessita ser internado em uma UTI neonatal, pode haver continuidade ou rupturas com todo esse processo de investimento imaginário no bebê, afetando também o vínculo real com este filho.

Materiais e métodos

Utilizamos o método qualitativo que, segundo Silva (2000), "[...] busca a construção do pensamento científico enfocando a subjetividade como integrante do fenômeno acreditando-se que a sua essência pode estar velada por traz do que é percebido pelos sentidos". Dessa forma, a pesquisa levou em conta aspectos subjetivos dos pais que visam dar maior conteúdo e sentido a construção do presente estudo. Tal pesquisa exploratória envolveu etapas como levantamento bibliográfico, entrevistas com 4 mães que tiveram ou estão tendo experiências relacionadas diretamente ao problema pesquisado - no caso pais com bebês internados na UTI neonatal - e análise de exemplos que estimulem a compreensão (Sellitz et al., 1967, p 63). O material coletado para este estudo foi obtido por meio de entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas. A entrevista foi direcionada por um roteiro previamente elaborado, composto de questões abertas, afim de não limitar o depoimento dos pais, mas apenas de inserir pontos norteadores.

Resultados e Discussão

De acordo com Mata; Cherer; Chatelard (2017) uma mãe suficientemente boa constitui-se como aquela que consegue ser sensível e adaptar-se às necessidades do bebê e isso inclui o período da gestação, pois nessa etapa a mulher busca reconhecer o seu filho, atribuindo-lhe significados em sua fantasia. Nos casos entrevistados, o lugar ocupado pelo bebê dentro do mito familiar foi atravessado por medos e angústias muito intensos. Tais mães já ansiavam por um bebê prematuro ou doente e que precisaria de cuidados em UTI neonatal e o bebê real, neste caso, surge como uma confirmação do bebê imaginado, já que essas mães -de algum modo- já esperavam que algumas intercorrências acontecessem, seja por já terem sofrido abortos anteriores ou pelas suas próprias condições de saúde. Além disso, pensamos que a "missão" atribuída ao nascimento do filho dentro da relação conjugal dos pais seja um fator considerável, pois o bebê acaba assumindo um lugar de promessa de Deus, de equilíbrio do casamento e mudança do marido e outros significados. Dessa forma, pensamos como a relação e o vínculo mãe-bebê foi afetado, podendo trazer consequências tanto para o período de hospitalização quanto para o desenvolvimento da criança pós alta hospitalar.

Conclusões

A pesquisa seguiu alguns eixos para nortear o cumprimento do objetivo geral. Foi possível compreender que esta mãe atualiza e reedita o seu próprio processo de narcisismo na construção do vínculo com seu bebê. Também podemos depreender que muitas vezes o lugar que esse bebê ocupa dentro da dinâmica familiar pode impactar na relação mãe-bebê e sofrer interferências do contexto, como por exemplo um casamento conturbado, um aborto recente, uma situação econômica instável. Em relação ao eixo teórico do bebê imaginado, pudemos refletir que em alguns casos esse bebê já vem imaginado e tido como doente e que a realidade vem apenas confirmar o que se imaginou, podendo nos trazer reflexões sobre o modo como essas mães direcionam sua libido a esse filho doente e como o vínculo afetivo entre o par pode ser afetado. Além disso, pensamos que por essas mães já terem sofrido abortos em gestações anteriores, o medo e a angústia de ter um filho doente se potencializou. Isso também pode se relacionar com outro fundamento, que é o da mulher que acredita ter um corpo doente, que não sustenta uma gestação e de como isso influencia na criação do bebê imaginado.

Agradecimentos

Agradecemos à toda equipe da UTI neonatal e ao Hospital Universitário de Maringá pela oportunidade de realizarmos as entrevistas. Foi muito bem recebida e espero poder contribuir para atuação de qualidade dentro do setor.

Referências

ANDRADE, F. M. R. R. de. **O luto do filho idealizado: pais da criança com Síndrome de Down**. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Ispa- Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, 2015.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília, Ministério da Saúde, 1991.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Método Canguru**. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/saude-para-voce/saude-da-crianca/pre-natal-e-parto/metodo-canguru>>. Acesso em: 08 out. 2017.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1914. p. 9-37. Tradução de Paulo César de Souza.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1917. p. 127-144. Tradução de Paulo César de Souza.

GIANLUPI, A. G. Fi. **Tornar-se mãe: a maternidade da gestação ao primeiro ano de vida do bebê**. 2003. 293 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003



MATA, G; CHERER, E.; CHATELARD, D. Prematuridade e constituição subjetiva. **Estilos da Clínica**, v. 22, n. 3, p. 428-441, 23 dez. 2017.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 2. ed. São Paulo: Her-der/EDUSP, 1967. cap. 14.

WINNICOTT, D. W. (2006). **Os Bebês e suas Mães**. Rio de Janeiro: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1987).

WINNICOTT, D. W. (2005). **A família e o desenvolvimento individual**. 3a edição. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1965).